



Varia Historia

ISSN: 0104-8775

variahis@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

De Nazaré Sarges, Maria; De Abreu Coêlho, Anna Carolina
Do Rio Amazonas à Península Ibérica. Viajando com o Barão de Marajó
Varia Historia, vol. 30, núm. 53, mayo-agosto, 2014, pp. 487-505
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384434845008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Do Rio Amazonas à Península Ibérica

viajando com o Barão de Marajó*

From Amazon River to the Iberian Peninsula traveling with Baron Marajó

MARIA DE NAZARÉ SARGES**

Faculdade de História
Universidade Federal do Pará
Belém (PA)
Brasil

ANNA CAROLINA DE ABREU COELHO***

Faculdade de História
Universidade Federal do Pará
Belém (PA)
Brasil

RESUMO O artigo pretende discutir as viagens do Rio Amazonas à Península Ibérica, realizadas pelo intelectual e político José Coelho da Gama e Abreu, o Barão de Marajó, e descritas em sua obra *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio. Apointamentos de Viagem*, publicada em 1874, buscando refletir o quanto as relações desse autor com o exterior eram importantes nesse período para definir a sua própria região, o seu país e a si mesmo, ampliando sua “consciência-mundo”.

Palavras-chave viagens, Península Ibérica, Barão de Marajó

* Artigo recebido em: 12/04/2013. Aprovado em: 09/08/2013.

** Contato: sarges@ufpa.br.

*** Contato: annacarol45@yahoo.com.br.

ABSTRACT The article discusses about the trips from Amazon River to the Iberian Peninsula realized by Jose Coelho da Gama e Abreu, Barão de Marajó, a political and intellectual, and described in his book *From the Amazon to the Seine, Nile, Danube and Bósphoro. Travel Notes* published in 1874, seeking to reflect how the foreign relations were important during this period to set their own region, your country, yourself, increasing its “world-consciousness”.

Keywords travel, Iberian Peninsula, Baron Marajó

Introdução

Este artigo se propõe a refletir sobre uma narrativa de viagem no contexto do final do século XIX. Considera-se que desde o século XVIII¹ as viagens começaram a concorrer com as tradicionais peregrinações intensas a Roma e a outros lugares santos, passando assim o termo viagem a ter um sentido de aprimoramento pessoal, fruição estética de paisagens e monumentos. Também surgiram viagens de cunho científico e muitas vezes relacionadas aos interesses de determinado país. No século XIX, estas se intensificaram com a melhoria dos transportes e das condições estruturais e, a partir disso, houve uma significativa diminuição do tempo gasto para percorrer as localidades.

As viagens tinham um significado especial para o império brasileiro, que estava empenhado no processo formador da identidade nacional² e, por isso, permitia o grande número destas e de expedições científicas estrangeiras, ao mesmo tempo em que muitos intelectuais brasileiros formavam-se no exterior, participavam de viagens, de eventos e exposições científicas e comerciais. Dessa forma, criavam-se então redes de relações intelectuais, nas quais essas viagens por “rotas culturais” eram, de certa maneira, uma ação de engajamento intelectual no processo de formação de novos estados-nações como o Brasil. Esse contato era uma preocupação constante no meio intelectual, contribuindo para o processo de formação de identidades nacionais. Um exemplo dessa busca em vincular-se aos países considerados “civilizados” é o Intendente de Belém Antônio Lemos, que demonstrava grande preocupação em divulgar seus atos administrativos no exterior, especialmente em cidades como Paris, Viena, Londres e Berlim.³

1 Para um melhor detalhamento a respeito das viagens no século XVIII, ver: SALGUEIRO, Valéria. *Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor a cultura. Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.22, n.44, p.289-310, 2002.

2 Para um detalhamento do engajamento do império na identidade nacional, ver: COELHO, Geraldo M. Pedro II e Pery, in concert. In: COELHO, Geraldo M. *O violino de Ingres*. Belém: Paka-Tatu, 2005.

3 SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do velho intendente*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

Pode-se perceber a importância do processo das constantes viagens na formação intelectual brasileira analisando a trajetória de José Coelho da Gama e Abreu, posteriormente Barão de Marajó, que foi um “peregrino” de rotas intelectuais. Em Lisboa, o mais tradicional centro de formação dos intelectuais brasileiros, este passou sua infância, estudou e fez o curso secundário, formou-se em Filosofia pela Universidade de Coimbra e também em Matemática. Retornou ao Pará em 1855, tendo lecionado Matemática no Liceu Paraense, sido diretor das obras públicas da província do Pará e responsável por obras como o Bosque Rodrigues Alves e o Palácio Antônio Lemos. Foi também deputado, Presidente da Província do Amazonas, Presidente da Província do Pará e, devido aos bons serviços prestados à nação, recebeu o título de Barão do Marajó.

Gama e Abreu foi um intelectual muito engajado no processo de formação de identidade, pois suas obras *A Amazônia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brasil*; e *As Regiões Amazônicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*, tratam de uma questão importantíssima para a nação brasileira durante o século XIX: a projeção do território nacional e suas fronteiras.⁴ O Brasil, durante o período monárquico, enfrentou fortes contestações de fronteira, sendo necessárias descrições minuciosas do território, dos limites naturais e comentários de diversos acordos envolvendo a tessitura de um espaço nacional. Os livros de Gama e Abreu procuraram descrever as potencialidades naturais da Amazônia, os aspectos econômicos e culturais, os limites, as fronteiras e os acordos internacionais em torno desta, buscando, ao mesmo tempo, um diálogo com os escritos de viajantes estrangeiros, cientistas e sociedades internacionais.

Há uma obra específica desse autor em que se pode observar de modo mais pontual o processo de formação da identidade nacional a partir do contato com o estrangeiro. Trata-se da obra em três tomos intitulada: *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio. Apointamentos de Viagem*.⁵ Além de sua vivência, o Barão de Marajó mencionou quatro autores que consultou para escrevê-la: “o que ha de melhor n'ella é ou resultado da leitura ou mesmo extraída de bons livros que consultei, como as obras de Joanne, Marmier, A. Guilbert e Audiganne, o resto me pertence”.⁶

Nesse livro não foram mencionadas famosas obras sobre viagens, como as de Chateaubriand (*Voyages*, de 1827, ou *Itinéraire de Paris à Jérusalem*, de 1811); de Tocqueville (*La démocratie en Amérique*, de 1835-1840); e de

4 A esse respeito, ver MAGNOLI, Demétrio. *O corpo da pátria: imaginação geográfica e política externa* (1808-1912). São Paulo: Unesp/Moderna, 1997.

5 ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: apontamentos de viagem*. Lisboa: Typographia Minerva, 1874.

6 ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: apontamentos de viagem*. Lisboa: Typographia Minerva, 1874. p.6.

Johann Wolfgang von Goethe (*Viagem à Itália, de 1786-1788*). A citação daqueles quatro autores na obra em questão demonstra que Gama e Abreu era um assíduo leitor da *Revue des Deux Mondes*,⁷ pois três deles colaboravam assiduamente com a escrita desta, a exemplo do intelectual francês, tradutor e viajante Xavier Marmier que nela escreveu artigos sobre suas viagens à Rússia, Holanda, Sibéria e Escandinávia, divulgadas também em livros. Marmier escreveu ainda poesias e obras sobre literatura.

Outro intelectual ligado à revista era Armand Audiganne, que escreveu nela artigos a respeito dos caminhos de ferro na América e na Europa. O outro citado pelo Barão de Marajó foi Adolphe Joanne, um jornalista e homem das letras, que escreveu uma série de guias de viagens, os quais tiveram considerável sucesso, como *Histoire générale des Voyages de découvertes maritimes et continentales*, (1840-1841), *Histoire de la Grèce ancienne* (1847) e *Voyage illustré dans les cinq parties du monde* (1849).

O único dos citados que não colaborou com a revista foi possivelmente Albert Guilbert, um arquiteto francês que participou do projeto desenvolvido para o Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Famoso em sua época, Guilbert foi premiado por seu projeto voltado a uma catedral francesa, elaborado por ocasião da Exposição Universal de 1900.

Partindo do rio Amazonas

Os rios têm um destaque especial na narrativa de Gama e Abreu. Esses são fundamentais para que o autor trace uma rota de lugares significativos para os intelectuais de sua época.⁸ O ponto de partida das narrativas das viagens é o rio Amazonas. Essa escolha não foi casual, pois esse rio já era considerado um ponto geográfico e simbólico essencial para a formação de uma consciência mundializada, desde o período da monarquia católica. Geraldo Mártires Coelho, na obra *O Espelho da Natureza*,⁹ afirma que ainda no século XVI a região amazônica passou a constituir um espaço multidimensional, empírico e imaginário, um espaço a mais da geografia do maravilhoso que já havia sido construída a respeito da África, do Oriente e das grandes jornadas. Como diria Francisco Cepeda, o maior agenciador

7 A *Revue des Deux Mondes* era um periódico com grande divulgação no Brasil. Sobre esse periódico ver o artigo de COSTA, Wilma P. Narrativas de viagem no Brasil do século XIX: formação do Estado e trajetória intelectual. In: RIDENTI, Marcelo et al. (org.). *Os intelectuais e o Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. É possível ler os periódicos digitalizados da *Revue des Deux Mondes* no site da Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <www.gallica.fr>. Acesso em: 12 de abril de 2013.

8 A respeito da importância das viagens para a formação dos intelectuais e artistas é interessante ler a obra de SCHWARCZ, Lillia M. *O sol do Brasil*: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Ao analisar o pintor francês Taunay, a autora menciona a importância da viagem à Itália para a atuação artística desse mesmo autor.

9 COELHO, Geraldo Mártires. *O Espelho da natureza*: o poder, escrita e imaginação na revelação do Brasil. Belém: Paka-Tatu, 2009.

da imigração espanhola para o estado do Pará: “El Amazonas, el Mediterráneo de agua dulce”.¹⁰

Nesse sentido, Serge Gruzinski afirma que desde o período da monarquia católica, tanto na Europa quanto fora dela, geógrafos, missionários, funcionários da coroa, exploradores, elites locais e mestiças, e aventureiros passaram a pensar e definir os espaços que habitaram ou que lhes interessavam dentro de uma globalidade.¹¹ Havia vários pontos de ancoragem dessa consciência global, sendo o Rio das Amazonas um desses pontos. No decorrer do tempo, as viagens e os estudos sobre a Amazônia se intensificaram e, durante o século XVII, as narrativas das viagens começam a tornar-se mais variadas, contendo reflexões sobre a natureza “não-domesticada” da Amazônia e as formas possíveis de os europeus se relacionarem com esse ecossistema. Já os viajantes do século XVIII iniciaram uma reflexão dentro dos cânones do Iluminismo, como se pode perceber na *Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas*, realizada por Charles-Marie de La Condamine, entre 1735 e 1744.

No século XIX as viagens continuaram com uma perspectiva científica, como as de Alexander Von Humboldt. Mas algumas dessas viagens eram guiadas pela estética do Romantismo ligada às paisagens exóticas e longínquas, sendo desenvolvido o impulso de compartilhar sentimentos, vivências e opiniões, a exemplo de Chateaubriand. Conforme Maria Helena Rouanet, os escritores românticos apreciavam expor sua narrativa e, muitas vezes, as desculpas relacionadas ao caráter fortuito da publicação seriam um clichê dos relatos de viagem.¹² Percebe-se no Barão de Marajó essa característica do reforço da identidade pela exposição de si, ou, segundo ele mesmo, “uma necessidade de expansão”:

Há às vezes em nós uma necessidade de expansão, de externar aquilo que sentimos e é obedecendo a ela que faço esta publicação. (...) Escriptas, pois estas memórias em épocas diversas e por quem tem sido ora estudante, ora caçador, empregado público, político, jornalista, viajante, ressentir-se-há de pouca uniformidade não só de estylo, mas o que é mais do modo de encarar as coisas, o qual se modificava conforme, seja-me permitido dizel-o, o meio em que eu habitava (...) e as expressões que meu espírito recebia.¹³

Ciência e expressão individual misturavam-se em muitas dessas narrativas tão comuns no século XIX. Lembra-se aqui que esse trânsito cultural

10 SARGES, Maria de Nazaré. El Amazonas, el Mediterráneo de agua Dulce: migración y propaganda. *Boletín Americanista*, Barcelona, ano 1, n.64, p.73-85, 2012.

11 Esse tema pode ser mais aprofundado com a leitura do artigo de GRUZINSKI, Serge. Local, global e colonial nos mundos da monarquia católica: aportes sobre o caso amazônico. *Revista de Estudos Amazônicos*, v.II, n.1, 2007.

12 ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991.

13 ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio*: apontamentos de viagem. Lisboa: Typographia Minerva, 1874, p.6.

das viagens era importante para obter-se reconhecimento público, para ter-se obra publicada pela imprensa oficial ou para adentrar-se na carreira política. Para a historiadora Wilma Peres Costa, no caso dos intelectuais franceses no final do século XIX, as viagens se expressavam:

Na multiplicação de pontos de peregrinação: se um Chateaubriand ou um Humboldt viajaram por sua própria conta, seus sucessores estarão envolvidos na consolidação de algumas redes de produção intelectual tradicionais, como as Academias e Universidades, na criação de novas (...). Paralelamente, o *de-payement* como estratégia de construção do eu romântico cede lugar a uma dimensão identitária coletiva. Viaja-se em seu próprio país (...) para conhecê-lo ou dá-lo a conhecer aos seus concidadãos. Mesmo quando fora, o estudioso leva consigo seu país, viaja a serviço do seu país, para aumentar seu estoque de conhecimento e poder político.¹⁴

Em *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio*, têm-se as duas características das viagens apontadas acima: a “construção do eu romântico” e a “dimensão identitária coletiva”. Tem-se um intelectual e político amazônico que escreve uma obra exemplo de uma “rota inversa”, se comparada às inúmeras narrativas de viajantes de diversos séculos sobre a região amazônica. O Barão de Marajó parte do Rio Amazonas primeiramente ao nordeste, e de Pernambuco viaja para Lisboa; ele inicia então suas observações partindo da região em que nasceu. A Amazônia foi descrita de forma a se ressaltar a fertilidade das terras e o vazio humano: “A província é pouco habitada, pode-se dizer que só o é nos terrenos próximos às margens dos rios, a parte central acha-se apenas habitada pelo índio, selvagem habitador das sombrias solidões das florestas virgens”.¹⁵

Vazio e natureza selvagem, apenas os índios na solidão sombria das partes mais longínquas de florestas intocadas, essa descrição remete à observação de Keith Thomas¹⁶ de que nos fins do século XVIII podia-se perceber um aumento no apreço pela natureza, especialmente pela natureza selvagem, que não era considerada somente bela, mas principalmente moralmente benéfica. Lugares mais longínquos começaram a ser apreciados não apenas pelo caráter apenas utilitário, mas também pela fruição estética, denominada por Keith Thomas de “devoção semi religiosa” pela natureza. A denominação de “sombria solidão da floresta habitada pelo selvagem”, descrita por Gama e Abreu, pode ser relacionada a esse gosto por uma natureza selvagem que poderia estar presente nos leitores da narrativa de viagem.

14 COSTA, Wilma Peres. Viagens e peregrinações: a trajetória de intelectuais de dois mundos. In BASTOS, Elide; RIDENTI, Marcelo; ROLAND, Denis (org.). *Intelectuais: sociedade e política*. São Paulo: Cortez, 2003, p.65.

15 ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio*: apontamentos de viagem. Lisboa: Typographia Minerva, 1874, p.7.

16 THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.376.

Pode-se relacionar esse mesmo trecho à ideia de que o território amazônico seria um vazio demográfico, ideia essa que era muito corrente nesse período. Para Pacheco de Oliveira,¹⁷ principalmente após as obras dos naturalistas Bates e Agassiz, as mazelas da região amazônica tendiam a ser vistas como uma expressão de um domínio insuficiente do homem sobre a natureza. Acreditava-se que, uma vez fixada a população ao solo pela atividade agrícola, a Amazônia de um imenso deserto se transformaria no celeiro do mundo. A natureza selvagem era o presente, mas, para Gama e Abreu, o vale do Amazonas iria, no futuro, concretizar a “profecia de Humboldt” de ser um lugar de progresso, na verdade o centro do poder da América: “mas também o futuro engrandecimento que lhe está reservado, realizando a profecia de Humboldt de que o vale do Amazonas está fadado a ser um dia o centro do poder americano”.¹⁸

E como se concretizaria tal profecia? Segundo o Barão de Marajó, o progresso do Pará e da Amazônia estava relacionado à abertura dos portos para a navegação e ao comércio com a Europa e com os Estados Unidos. Esse contato com o estrangeiro traria “novos elementos de prosperidade”. Seria nesse caso um exemplo do processo de afirmação nacional e regional ligado intrinsecamente ao olhar estrangeiro, pois, à medida que aumentasse a interação mundializada a partir dos rios, ocorreria o fortalecimento econômico e social do vale do Amazonas (e consequentemente da nação):

Pequenos centros de população, distantes entre si, comunicam uns com os outros pela rede de rios que em todos os sentidos corta a província, esta circunstância permite que o barco a vapor vá espargir os benefícios da civilização ainda às maiores distancias criando a natureza estradas.¹⁹

As linhas transatlânticas unindo por navegação direta com Lisboa, Liverpool e o Havre, as americanas unindo-o aos Estados Unidos, novos elementos de prosperidade vieram dar a aquela terra, onde já a natureza espargira tesouros, elevando a renda e a riqueza pública.²⁰

Os rios surgem na narrativa como o meio para a o desenvolvimento, em uma perspectiva utilitária da navegação e dos contatos com a Europa e os Estados Unidos. A perspectiva desse contato era para o Barão algo essencial ao projeto de civilidade, sendo reafirmada quando estava na posição de delegado do estado do Pará, na Exposição Universal de Paris

17 OLIVEIRA, João Pacheco de. O caboclo e o brabo. In: SILVEIRA, Ênio et al. (org.). *Encontros com a civilização brasileira*. v.11, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p.115.

18 ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: apontamentos de viagem*. Lisboa: Typographia Minerva, 1874, p.15.

19 ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: apontamentos de viagem*. Lisboa: Typographia Minerva, 1874, p.8.

20 ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: apontamentos de viagem*. Lisboa: Typographia Minerva, 1874, p.10.

de 1889. O Barão de Marajó em seu relatório da exposição²¹ dizia que a “indústria em todos os seus ramos precisa de ar e luz, que por conquista da civilização moderna são dados nas exposições universais, pontos de reunião de todos os povos”.

A floresta era percebida pelo mesmo viés. A natureza do vale do Amazonas em si é descrita como uma fonte de tesouros e, na obra *A Amazônia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brasil*, o autor reitera essa visão, sendo por ele destacado o uso dos vegetais no comércio de madeira:

No reino vegetal é tal a sua riqueza que é impossível enumerar-a sem transformar este trabalho em uma Flora Amazoniense; e por isso apenas apontarei alguns dos productos vegetais de que o commercio se tem aproveitado como sejam as madeiras applicaveis á construcção maritima, urbana, ou á marcenaria, cuja variedade conforme a escolhida collecção organizada e enviada á exposição de 1867 pela commissão do Pará subio a 242 variedades além de muitas outras.²²

A descrição da floresta amazônica pelo Barão de Marajó como um espaço vazio e abundante em riquezas naturais apresenta duas perspectivas: de um lado, a busca por uma escrita individualista e romântica pautada na beleza da “sombria solidão das florestas virgens” e, por outro viés, essa mesma natureza apresenta uma perspectiva utilitária demonstrada na divulgação das possibilidades comerciais da madeira e do uso dos rios em circuitos comerciais.

Acreditando num porvir grandioso para a Amazônia, onde os rios seriam um meio eficaz para o contato com a “civilização moderna”, nem por isso o autor deixa de criticar os países estrangeiros e o Brasil. Seu olhar é muito aguçado para as “práticas incivilizadas”, para a paisagem e para as cidades:

Não se julgue pelo que vou dizer que sou d’aqueles que desdenham de tudo quanto é nacional, elogiando o que é estrangeiro, não: há muitas cousas em que prefiro o Brazil posto que mais atrasado á civilizada Europa, mas nem o amor do pátrio solo, nem mal entendida vanglória me farão deixar de censurar aquilo que no meu paiz achar digno de crítica.²³

Nos relatos das viagens de Gama e Abreu são enfocados a Europa e o “Oriente”. Sobre o último há muito material interessante para posteriores análises. Mas é importante considerar as descrições dos países europeus

21 PARÁ, Governo do Estado. *O Pará na Exposição Universal de Paris em 1889*. Relatório do Presidente da Comissão. Belém: 1890, p.8. Faziam parte da mesa da comissão o Presidente Conselheiro Tito Franco de Almeida, 1º Secretário Comendador Antônio Braule da Silva, 2º Secretário Tenente-coronel João Gualberto da Costa e Cunha, Tesoureiro João Álvares e como Delegado em Paris o Barão de Marajó.

22 ABREU, José Coelho da Gama. *A Amazônia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brasil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883, p.19-21.

23 ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: apontamentos de viagem*. Lisboa: Typographia Minerva, 1874 p.38.

que tomam espaço nos três tomos. Este pequeno artigo refere-se somente às viagens na península Ibérica. O autor dos *Apointamentos de Viagem* buscava em seu extremo detalhismo provocar no leitor a sensação de estar presente como um cúmplice de suas rotas, sendo esta uma obra ligada especialmente a uma estética da vida cultural, embora nela também haja espaço para as paisagens. Isso ocorre, por exemplo, quando descreveu museus procurando comentar minuciosamente o maior número de quadros e esculturas, e também os divertimentos possíveis nos lugares em que visitou, especialmente os cafés, os teatros, os parques, as praças e os bosques.

No entanto, sua visão desta parte da Europa está eivada de críticas ao que ele pretendia encontrar de civilidade, especialmente ao se referir a Portugal e à Espanha (críticas voltada mais a Portugal). Enfim, o caminho mais emotivamente significativo para o Barão de Marajó na Europa: a Península Ibérica.

A Península Ibérica

Na década de 1860 houve uma importante viagem com registros fotográficos das regiões que também foram visitadas pelo Barão de Marajó. Trata-se dos registros de Francis Frith,²⁴ um fotógrafo que produziu diversas imagens bucólicas da Inglaterra e de suas três viagens pela Terra Santa. As fotografias tiveram bom êxito de vendas. Francis Frith produziu também imagens românticas com predomínio da natureza em cidades europeias, como Valladolid, Madrid, Barcelona, Toledo e Granada. A Península Ibérica era vista de certa forma como um lugar menos industrializado, mais bucólico e, talvez por isso, como uma rota comum em narrativas de viagens, como as do escritor dinamarquês Hans Christian Anderson, que visitou Portugal em 1866, publicando posteriormente suas cartas intituladas *Viagens em Portugal*, na imprensa dinamarquesa, antes de serem reunidas num livro.

Eça de Queiroz comenta essa visão da “não civilidade” e do bucolismo da Península Ibérica em seu conto *Civilização*. Nele o personagem Jacinto (um parisiense de origem portuguesa) era um “viciado em civilização” que teve que fazer uma viagem para Portugal e Espanha com seu amigo Zé Fernandes, para transladar os restos mortais de seus antepassados. Faz as seguintes observações: “é muito grave deixar a Europa” e “adeus civilização”. Para o personagem de Eça de Queiroz e possivelmente para muitos, a Península Ibérica não estava totalmente incluída na Europa.

Já Gama e Abreu, ao contrário do personagem Jacinto, expressou muita emotividade ao escrever sobre Portugal, local onde passou boa parte de

24 Para uma análise da obra do fotógrafo Frith, ver: SERÉN, Maria do Carmo. A doença de viajar: Portugal no roteiro das Excursões fotográficas dos anos 60 do século XIX. *CEM/Cultura Espaço e Memória*, Porto, n.1, p.73-86, março de 2011.

sua vida: “recordações do tempo de juventude que passara nessa terra eu a doze annos não via”. Lembra-se que ele foi muito jovem para Portugal com sua família no período da Cabanagem.²⁵ Depois voltou ao Brasil por estar doente, retornando depois para estudar em Coimbra e voltando para o Brasil para ocupar-se de diversos cargos públicos e também para formar uma família, casando-se com Carlota Pombo (pertencente a uma família das elites tradicionais do Pará).²⁶ Sua viagem para Portugal descrita nos *Apointamentos de Viagem* se refere ao ano de 1866. É importante mencionar ainda que ele foi sócio da Academia de Sciencias de Lisboa.

Nos *Apointamentos de Viagem* é possível perceber estes dois aspectos: a formação de sua identidade ou construção do “Eu” romântico e também a questão do conhecimento relacionado ao poder político. Se muitas vezes as memórias são tomadas pela narrativa intimista, outras vezes, na comparação entre os lugares visitados e o Pará, surge um novo papel, não o do estudante que ia da “colônia” para a metrópole procurando formação (passado), mas sim o do viajante rico que ocupava altos cargos públicos em sua região (presente). Sua identidade mudava e ele, conhecendo o mundo por meio dos rios como um viajante maduro e observador, estava cumprindo em um “âmbito micro” as mesmas rotas de mundialidade as quais acreditava que ligariam sua Amazônia ao progresso ao cumprimento da “profecia de Humboldt”. Retornar a Portugal era repensar ao seu passado com um olhar maduro do viajante, “flaneur do mundo”, que projetava seu futuro e o da Amazônia. Sua nova postura dava o poder de olhar e julgar as antigas metrópoles coloniais.

As principais cidades portuguesas para ele eram: Coimbra, por “sustentar-se da seiva da intelectualidade”; Porto, por suas atividades comerciais; Lisboa, que era o “centro da vida política” e um local “eivado de francesismo”; e Braga, “uma cidade dos fidalgos e dos frades” a qual possuía características bem peculiares. A despeito da importância dessas cidades, o primeiro contato com Portugal era desagradável, pois os viajantes se defrontavam com um “feito quadro”:

Logo que desembarquei, para um hotel, á saída da alfândega, tanto eu como os demais passageiros fomos cercados por um bom número de mendigos de todas as edades, solicitando obstinadamente esmola, é em verdade um feito quadro para ser o primeiro logo que desembarca na capital do reino.²⁷

25 BLAKE, Augusto Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. v.5. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1898, p.386-387.

26 A respeito das relações de matrimonio nas elites do século XIX ver: CANCELA, Cristina Donza. *Casamento e família em uma capital amazônica*. Belém: Açai, 2011.

27 ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: apontamentos de viagem*. Lisboa: Typographia Minerva, 1874, p.65.

A despeito da mendicância importuna aos viajantes, algumas paisagens de Lisboa possuíam uma beleza única da natureza cultivada, “differente de tudo o quanto tenho visto”, como os campos de trigo nos meses de abril e maio: “os campos de trigo já alto se esmaltam de papoulas e malmequeres, em que suas quintas com seus arredores mais escuros pareciam um oásis de verdura mais carregada”.²⁸ Tanto na descrição do feio (os mendigos) quanto do belo (campos de trigo) temos a associação de Portugal ao bucólico, à “não civilidade”, ou à não industrialização.

Essa característica pode ser percebida no outro ponto positivo de Portugal que eram as obras de arte e a arquitetura dos templos religiosos, sobretudo do período manuelino, que para o Barão era “uma feliz combinação do estylo gothico com algumas ornamentações e formas usadas na architettura oriental”. Destaca o Mosteiro do Jeronimos “um capricho, um sonho realizado em pedra, e ao mesmo tempo um modelo da architettura gótica”.

Não obstante a cidade de Lisboa ser o “centro político e cultural” poderia ter melhoras em seus passeios públicos com o “systema de parellipedos” e o “asphalto”, “cujo emprego torna tão fácil a construção de largos passeios”. A cidade de Lisboa era comparada a Paris em relação a vida social e aos divertimentos. Paris surge na narrativa do Barão de Marajó como “ideal” de cidade, pois simbolizava o ecletismo, a globalidade: “Paris não tem physionomia própria, ou antes todas lhe são próprias”. Embora Lisboa fosse “eivada de francesismos”, ele teria ouvido diversos comentários de que era uma “cidade triste”, por ter incipiente vida noturna, pois às dez horas da noite a cidade inteira dormia.

Para ele realmente “quase toda fashion de Lisboa é um extremo pequena, e pouca variedade nela se encontra, não só nas cousas como nas pessoas”. O intenso prazer de olhar e comprar não era satisfatório em Lisboa: “não há nas frontarias das lojas o luxo que se nota nas de Paris, Londres e mesmo Madrid, (...) a verdade é que isso (...) tira ao flaneur o seu máximo prazer, o de flanar”. Não obstante as críticas, o Barão acreditava que Lisboa estava saindo de um torpor, e isso se demonstrava no aumento do número de teatros, da reforma dos jardins agora “squares a moda inglesa”.

Os jardins, bosques e passeios públicos chamam a atenção de Gama e Abreu que posteriormente projetaria o Bosque Rodrigues Alves em Belém, inspirado no *Bois de Boulogne* em Paris. O Bosque era um espaço natural para passeios e contemplação com caminhos entre a vegetação cercado por lagos e pequenos rios. É importante ressaltar que espaços como a cabana de Peri e Ceci, a Gruta Encantada, a Cascata, a Cabana de Paulo e Virgínia, o Pavilhão de Diana e o Quiosque Chinês foram todas inseridos

28 ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: apontamentos de viagem*. Lisboa: Typographia Minerva, 1874 p.54.

no período da gestão do intendente Antônio Lemos (1897-1911). Portanto, é perceptível a influência desses intelectuais-viajantes, como o Barão, na concepção urbanística da cidade, especialmente no final do século XIX e no início do XX, visto que fazia parte do projeto da elite dirigente transformar o espaço de vivência em um belo cenário, próximo ao que se via na Europa.

Segundo o viajante, Portugal se empenhava para ser um país moderno. Além das mudanças urbanas em Lisboa, ele observava que a cidade do Porto tinha o mérito da “ousadia de tentar” ao fazer sua exposição internacional, mesmo que para ele não houvesse paralelo entre a estrutura arquitetônica da Exposição do Porto e a Exposição do Cristal Palace de Londres ou a da Indústria de Paris. Nessa época esse tipo de evento tinha uma grande importância. Para Pesavento, as exposições funcionavam como:

Síntese e exteriorização da modernidade dos “novos tempos” e como vitrina de exibição dos inventos e mercadorias postos à disposição do mundo pelo sistema de fábrica. No papel de arautos da ordem burguesa, tiveram o caráter pedagógico de “efeito demonstração” das crenças e virtudes do progresso, da produtividade, da disciplina do trabalho, do tempo útil, das possibilidades redentoras da técnica.²⁹

Para Gama e Abreu, essas “vitrines” funcionavam como uma simulação do mundo. Os pavilhões dos países eram uma representação do melhor de si para o outro, sendo sua expectativa sempre o futuro, o progresso. Porém, visitando a Exposição do Porto, algo o deixou muito aborrecido: a “pouca urbanidade dos empregados da obra para com os estrangeiros”. Ao tentar reproduzir o desenho de uma armação de ferro que havia achado interessante, um encarregado da obra (a mando do inspetor da obra) o informa que não poderia reproduzir o formato da estrutura de ferro.

Então o Barão dirige-se ao outro lado e fica apenas observando. Entretanto, surge outro encarregado (a mando do mesmo inspetor) que avisa que ele não poderia nem observar a obra. Essa situação faz com que Gama e Abreu retorne a Lisboa muito “aborrecido do Porto”. Em Lisboa o responsável pelo Teatro São Carlos, o Sr. Allan, que estava na organização da Exposição do Porto, pede desculpas ao Barão. O mal-entendido ficou conhecido após ter sido publicado em um jornal. O aborrecimento de Gama e Abreu era pela falta de educação, de um comportamento civilizado no Porto.

Essa busca por “civildade” e, por consequência, pelo progresso (futuro), seja no comportamento humano, nos campos ou numa cidade com bela arquitetura, é muito presente na sua narrativa de viagem. Mas essa característica de busca pelo futuro, progresso e civilidade não ocorre em

29 PESAVENTO, Sandra J. *Exposições universais: espetáculos da modernidade*. São Paulo: Hucitec, 1997, p.14.

relação à cidade de Coimbra, onde ele estudou, pois preferiria que esta se mantivesse “congelada no tempo”:

Eram passados doze annos depois que deixara a universidade, e voltava agora a Coimbra, casado e com filhos; o estudante d'outr'ora alegre, folgazão e descuidoso do presente e do futuro, pois assim mesmo ao avistar aquellas veigas, o Mondego, a torre com a cabra, sentia-me outra vez o que tinha sido, expandia-se-me a alma no peito, assomavam-se as lágrimas aos olhos ao mesmo tempo que as feições sorriam; e a minha mulher, coitada, que nunca me vira em acesso tal de sensibilidade, ria-se para mim.³⁰

A emoção da expectativa é logo quebrada pelas mudanças observadas na cidade, cujos locais de lazer dos estudantes teriam desaparecido. Estes muito sérios tratavam-se formalmente de “vossa excelência”, grande decepção do Barão ante a mudança no espaço urbano de Coimbra:

Um mundo de desilusões Coimbra não era alegre, cheia de estudantes cerimoniais tratando-se de v.ex.

Dei ordem de preparar as malas para deixar o mais depressa possível aquella terra, que já não era mais a minha Coimbra, o caminho de ferro a corrompera imaginando o que será ella hoje.³¹

Porém tece elogios à universidade de Coimbra como um local onde a educação primorosa indicava um futuro promissor para Portugal, visto que “hoje o poder das ideias já alli tem creado raízes como em toda parte, muita coisa ainda há que fazer; aquella instituição ainda forma um mundo a parte”.³²

Triste pela mudança da paisagem de Coimbra, o Barão de Marajó segue sua viagem pela Península Ibérica, partindo com sua esposa para uma cidade espanhola fronteiriça com Portugal, a cidade de Badajoz, pelo caminho de ferro que era uma das muitas formas de viagem “Tenho viajado por todas as formas possíveis, em caleça, em liteira, a cavallo, a camelo, (...) em barco a vapor, em rede e em caminhos de ferro”. O viajante centra em si a história e o mundo surge a partir de seu olhar, ao mesmo tempo o escritor é protagonista e testemunha em seu discurso.

Segundo Fátima Outeirinho,³³ o caminho de ferro unindo Lisboa a Badajoz desde 1863 diminuiu os percalços e facilitou as viagens e, por isso, foram inúmeras as crônicas sobre a Espanha em meados do século XIX, a maioria de portugueses pertencentes à elite, como Antonio Augus-

30 ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: apontamentos de viagem*. Lisboa: Typographia Minerva, 1874, p.71.

31 ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bhóphoro e Danúbio: apontamentos de viagem*. Lisboa: Typographia Minerva, 1874, p.72.

32 ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bhóphoro e Danúbio: apontamentos de viagem*. Lisboa: Typographia Minerva, 1874, p.66.

33 Ver: OUTEIRINHO, Maria de Fátima. A viagem à Espanha: em torno de alguns relatos de viagem oitocentista. *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas*, Porto, v.19, p.287-300, 2002.

to Teixeira de Vasconcelos (*Viagens a terra alheia. De Paris a Madrid*, de 1863), Júlio César Machado (*Em Hespanha. Scenas de Viagem*, de 1865) e Pinheiro Chagas (*Madrid*, de 1875). Em geral os relatos teriam Madrid como culminância da viagem, sendo enfocada a especificidade da cultura dos espanhóis diante dos outros países da Europa. Como característica da narrativa, a preocupação do narrador com o leitor para não tornar a leitura enfadonha, por isso a presença de variação de linguagem (serio/jocoso) e da narrativa (ficcional/factual).

Nesse sentido, o Barão de Marajó mostra em sua narrativa que Portugal e Espanha eram muito diferentes (a despeito da proximidade espacial) e centra seu discurso em Madrid. Ele pontua essas diferenças: primeiramente pelo olhar sobre o campo (em Portugal o campo sempre estava com alguma plantação, um cuidado que figurava em uma beleza única aos olhos de Gama e Abreu; já na Espanha, após a colheita do trigo, os campos eram abandonados, o que tornava feia a paisagem); em segundo, os *touristes* que esperavam uma continuidade e transição gradual entre os dois países estavam enganados, porque “nas fronteiras mapeadas pelo evadiana, junto a Elvas e Badajoz, terminam os dois reinos physica e moralmente”.

Um exemplo dessas significativas diferenças entre a população era que, para o Barão de Marajó, os homens portugueses tinham uma aparência forte e agradável, oposto da aparência desagradável dos homens espanhóis que, por sua vez, usavam roupas com cores fortes e tinham o costume de gritar muito; já as mulheres portuguesas eram corpulentas e de rosto redondo, esteticamente desinteressantes perto da delicadeza das espanholas de rosto oval e cabelos escuros.

As espanholas são muito destacadas na narrativa, pois o autor viveu suas primeiras aventuras amorosas com as mulheres andaluzas, que em viagens posteriores o faziam “estremecer pelas lembranças”. Para ele as espanholas só comparam-se com as mulheres orientais em sensualidade. Essa é uma descrição das belas senhoras que estavam na plateia do Teatro Real em Madri: “A bellezza notável das mulheres espanholas, ostentando seus alvíssimos colos entre rendas (...) subjugando com seus olhares profundos cujo brilho só tem rival no das mulheres orientaes”.³⁴

Talvez a opinião negativa sobre os homens espanhóis esteja relacionada com os momentos desagradáveis vividos por Gama e Abreu na cidade de Badajoz. Primeiramente ele e sua esposa tiveram suas malas revistadas na fronteira e em seus pertences foi encontrado um rolo de tabaco. O rolo foi confiscado na alfândega, sendo o Barão de Marajó processado e julgado sob a acusação de inserir tabaco em território espanhol, mesmo com as

34 ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: apontamentos de viagem*. Lisboa: Typographia Minerva, 1874, p.97.

tentativas de seu amigo Sebastian Garcia de explicar a situação para as autoridades. Gama e Abreu considerava isso um grande exagero, porque seria uma quantidade ínfima de tabaco, a qual já estava apreendida. Bem, depois que o tabaco ficou retido na alfândega, o Barão seguiu para uma desconfortável estalagem.

A estalagem que me conduziram merecia uma minuciosa descrição, e se não fosse uma galinha gorda que me serviram no almoço, e ter nella encontrado num amigo, Sebastian Garcia, que tanto me obsequiou os desgostos, diria que as camas eram péssimas, que os colchões pareciam cheios de nozes ou pedregulhos, que a mobília dos quartos chegada a parcimônia das celas dos trapistas.³⁵

Badajoz era uma cidade com um problema aromático, sendo “essencialmente desagradável ao olfato, por causa das fábricas de sabão e de curtumes”.³⁶ Comentar a respeito dos cheiros causados pela poluição estava tornando-se uma queixa comum dos viajantes. Keith Thomas³⁷ observou que a partir do século XIX várias narrativas de viajantes sobre as cidades criticavam a qualidade do ar e os odores fétidos encontrados especialmente em Londres.

Depois de conhecer a cidade, Gama e Abreu esperou seu julgamento indo primeiramente para Mérida, depois para Madri, para se recuperar do “trauma” de Badajoz. Em Mérida seu olhar foi novamente voltado para a “arquitetura das cidades”, sendo preferidas as paisagens de monumentos históricos, como o arco de Trajano e outras ruínas dos romanos. Essa beleza histórica só não era mais bem aproveitada devido às ruas da cidade serem estreitas e mal calçadas.

A cidade de Madri foi muito ressaltada por sua história, suas obras de arte e seus museus, além de algumas páginas dedicadas às touradas. Uma cidade bela, com história e muitos locais agradáveis para passeios, alguns dos melhores, como a *Puerta Del Sol*, praça localizada no centro e que era na época um “extremo de vida e animação”, ou a Praça do Oriente, cheia de aias e crianças. Na cidade de Madrid destacava-se o Teatro Real do Oriente, que seria o oposto da arquitetura eclética de Badajoz (a qual unia o “pior” das características europeias e árabes). Tal teatro unia de forma elegante esses dois estilos, primando pelo conforto e com esmero nos detalhes, assim observando o autor: “as magníficas poltronas da plateia, forradas de veludo carmesim fazendo sobressair o vestuário das senhoras

35 ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: apontamentos de viagem*. Lisboa: Typographia Minerva, 1874 p.79.

36 ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: apontamentos de viagem*. Lisboa: Typographia Minerva, 1874, p.81.

37 THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*, p.346.

que como em Paris ocupam grande parte da plateia, os camarotes suntuosamente adornados”.³⁸

A excelente impressão causada pelo Teatro Real do Oriente provavelmente influenciou no empenho do Barão de Marajó em participar da construção do Teatro da Paz, um dos monumentos que muito simboliza a *belle-époque* amazônica. Nesse período, o diretor das obras públicas era Gama e Abreu, que em seu relatório³⁹ enfatizou a importância da união entre o teatro e a civilização: “Hoje nas Províncias do império taes como a Bahia e o Maranhão procuraram ter belos theatros pois, os theatros marchão sempre de par com a civilização, reputo para nós mais vergonhoso, (...) dizer-se que não temos um novo theatro”. Inaugurado em 1872, no período de 1887 a 1890 o teatro passou por sua primeira reforma, sendo a pintura do teto da sala de espetáculo realizada pelo artista italiano Domenico de Angelis e a sua equipe; ganhou o pano de boca idealizado por Chripim do Amaral que contratou o cenógrafo da ópera de Paris Eugène Carpezat para a execução do trabalho. A atual edificação que apresenta uma ornamentação eclética com traços neoclássicos é o resultado da reforma empreendida por Augusto Montenegro nos anos de 1904 e 1905.⁴⁰

Museus interessantes sugerem uma rota cultural em Madrid. O Barão de Marajó, por exemplo, compara a coleção de arte do Museu de Pintura e Escultura de Madrid à do Louvre. São por ele elencados o Museu de Artilharia, o Museu Naval e o Museu de História Natural. Em Valladolid, ele destacou a belíssima catedral gótica do século XIII. Um gosto romântico pela Idade Média? É possível... O Barão de Marajó se confessava um apaixonado pelas touradas, vistas por muitas pessoas da época como “atrazo em civilização”. Ele se dividia em uma sensibilidade nova sobre os animais (a percepção da crueldade), mas não negava o divertimento que estas lhe proporcionavam.

O autor mostra-se um defensor da Espanha, abordando as críticas mais comuns na época: combate de touros, mendigos e superstição religiosa. A respeito dos touros ele dava certa razão aos que falavam da cruzeza, porém pessoalmente gostava das touradas (às vezes torcia pelo touro). Sobre os mendigos, ele dizia que os de Madrid, Barcelona e Cadiz eram poucos perto dos de Berlim e Vienna, numa defesa à Espanha. O outro ponto diz respeito à superstição religiosa. Para ele, a cultura católica era positiva e deixou a caridade como legado. Um exemplo seria a Sociedade do Pecado Mortal que acolhia as mulheres que cederam ao amor ou à “ilusão dos sentidos”. Essa instituição apoiava também os presos, ajudando-os a ter

38 ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: apontamentos de viagem*. Lisboa: Typographia Minerva, 1874, p.97.

39 PARÁ, Governo do. *Relatório apresentado pelo diretor da Repartição de Obras Públicas, José Coelho da Gama e Abreu, ao vice-presidente da Província Miguel Antonio de Pinto Guimarães*. Belém, 15 de outubro de 1855.

40 SILVEIRA, Rose. *Histórias invisíveis do teatro da paz*. Belém: Paka-Tatu, 2010, p.43-44.

uma ocupação depois de libertados. Na França, por exemplo, a falta de caridade não permitia a redenção das pessoas.

A cidade é a paisagem mais valorizada na narrativa. A esse respeito Raymond Willians⁴¹ mencionou que a visão das cidades como centros de luz e cultura era ainda muito vigente no século XIX, podendo o texto do Barão de Marajó ser percebido nesse sentido. As rotas europeias surgem nesta obra como um grande aprendizado para as futuras ações do intelectual e político na região amazônica, especialmente as ações urbanistas. Com olhar voltado para a arte e a beleza, o Barão teve sua trajetória como político ligado a essa temática, afinal, foi durante um ano diretor do Museu Emílio Goeldi, projetou o Bosque Rodrigues Alves, o Palácio Antonio Lemos e foi o diretor de Obras Públicas no início da polêmica construção do Teatro da Paz.

Gama e Abreu procurou também observar e criticar os problemas enfrentados em diversas localidades europeias, como mendicância (Lisboa) e a falta de estrutura urbana (Badajoz). Para o Barão de Marajó, a Península Ibérica tinha muitos atrativos, mas “ainda se não encontre n’ella o adiantamento que nos paízes centraes da Europa têm (...) as artes, nem bom gosto”. A respeito de viagens na Península Ibérica é importante mencionar que era comum perceber esse espaço com uma espécie de “periferia da Europa”, um lugar menos civilizado, talvez por sua história associada intrinsecamente à cultura árabe, ao Islã.

Eduard Said⁴² se refere à persistência na memória europeia de um “Oriente ameaçador”, deixada pelo longo domínio árabe na região ibérica e essa é uma característica na narrativa do Barão de Marajó. É fundamental lembrar que ele citou como influencia na produção dos *Apontamentos de Viagem* autores que escreveram diversos artigos a respeito de narrativas de viagens na *Revue des Deux Mondes*, e, no ano 1845, essa mesma revista publica a obra *Carmem* (novela com uma visão romântica dos ciganos, escrita por Prosper Mérimée, e que inspirou Bizet a criar sua famosa ópera, em 1875), ambientada na Península Ibérica. Segundo Maria do Carmo Serén,⁴³ a *Revue des Deux Mondes* iria contribuir para a ideia europeia do atraso cultural e do exotismo dos dois países da Península Ibérica.

O espaço dedicado pelo autor às cidades europeias pode ser também relacionado com a observação de Wilma Peres Costa.⁴⁴ Para a autora, a necessidade de olhar para a realidade interna a partir do olhar europeu talvez tenha sido uma das peculiaridades do novo mundo. Nesse sentido, as comparações e o aprendizado de Gama e Abreu na Europa refletiam

41 WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

42 SAID, Edward W. *O orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

43 Ver: SERÉN, Maria do Carmo. A doença de viajar. A viagem à Espanha: em torno de alguns relatos de viagem oitocentista. *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas*, Porto, v.19, p.287-300, 2002.

44 COSTA, Wilma Peres. Narrativas de viagem no Brasil do século XIX – Formação do Estado e Trajetória Intelectual. (Org.) BASTOS, Elide, RIDENTI, Marcelo e ROLAND, Denis. *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p.31-33.

o quanto as relações com o exterior eram importantes para perceber sua própria região, seu país, a si mesmo, ampliando sua “consciência-mundo” e essa é apenas uma pequena parte de suas viagens...

Palavras finais

As narrativas das viagens de Gama e Abreu mostram não somente o olhar do estrangeiro sobre o novo mundo, mas também sugerem uma via de mão dupla e de intercâmbio, na medida em que este intelectual escreveu as suas memórias partindo de uma rota inversa. Viajando pelos cinco importantes rios (Amazonas, Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio), buscou ligar o velho e o novo mundo e, como viajante, ele se tornou observador, sujeito e narrador das rotas e, de certa forma, um sujeito privilegiado e credenciado a analisar e julgar esse “outro mundo” segundo os seus critérios de civilidade. Tanto que em sua narrativa, especialmente a cidade de Lisboa onde estudou e passou boa parte de sua vida, recebeu críticas relacionadas à mendicância, à ausência de um mercado de luxo, à incipiente vida noturna e ao calçamento das ruas. Na Espanha ele ressaltou as ruas estreitas e mal calçadas de Mérida e os odores fétidos da cidade de Badajoz.

A narrativa do Barão de Marajó é dual, visto que envolve uma perspectiva prática, ao mesmo tempo em que apresenta uma visão romântica. Nessa narrativa ele aponta a característica utilitária da natureza e dá ênfase ao uso dos rios como vias naturais de contato comercial e cultural com a Europa e com os Estados Unidos. O Barão de Marajó não cansava em enfatizar as potencialidades da Amazônia, pois acreditava que estas contribuiriam para a criação de “um centro de civilidade nas Américas”, o que de certo era um discurso amazônico direcionado aos seus leitores estrangeiros.

Suas viagens à Península Ibérica demonstram uma valorização dos aspectos da civilidade urbana e do lazer como os passeios aos teatros, aos museus, às compras, aos passeios noturnos e aos parques. O Barão de Marajó, que viveu o momento inicial do *boom* da economia da borracha exercendo vários cargos públicos, inclusive tendo sido presidente da Província do Amazonas e da Província do Pará, culminou a sua carreira política como intendente da cidade de Belém no período de 1890 a 1894. Toda essa carreira pública em uma época de aceleradas transformações,⁴⁵ na qual as elites visavam trazer para a Amazônia o progresso e a civilização, fizeram parte de sua formação influenciando em sua atuação política. O Barão de Marajó também expressa em sua narrativa o movimento romântico caracterizado pelo individualismo, pela fuga no tempo e no espaço. Essas características podem ser percebidas em momentos nos quais a narrativa

45 A Amazônia, desde a década de 1850, impulsionada pela economia do látex sofreu diversas transformações percebidas especialmente nas cidades de Belém e Manaus, a partir de referências de cidades europeias.

é emotiva e centrada no “eu”, algo comum em muitos diários de viagem. Por outro lado, as descrições da paisagem amazônica como bela e sombria em seu vazio surgem com vigor em sua obra, ao mesmo tempo em que é explícita a sua predileção pelo que lembrava de medievo nas paisagens da Península Ibérica.

Desse modo, observamos que a partir de suas experiências vivenciadas nessas longas viagens, o intelectual buscou colocar a região no circuito da civilização, ao mesmo tempo em que se viu inserido no espaço do progresso, da civilidade, tão caro aos letrados da distante Amazônia.